

## RELATO DE EXPERIÊNCIA [não retirar esta indicação]

### TECENDO OUTROS ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PARA PRÁTICAS DE ENSINO DE JORNALISMO MAIS INTERCULTURAIS

Maria Tereza CUNHA<sup>1</sup>, maria.terezal@unemat.br  
Lawrenberg Advíncula da SILVA<sup>2</sup>, lawrenberg@unemat.br  
Universidade do Estado do Mato Grosso/ UNEMAT

#### RESUMO

Embora a formação intercultural esteja preconizada nos currículos dos mais diversos cursos de Jornalismo do país, o que se nota é que sua incorporação ainda seja secundarizada, assim ocupando um papel menos determinante nas atividades, nos projetos e no quadro de competências e habilidades a serem demandadas pelo futuro profissional. Diante disso, o presente trabalho busca enfatizar a importância de práticas de ensino de Jornalismo em ambientes mais interculturais, ao considerar como recorte a experiência de estudantes do curso de Jornalismo da Unemat com a comunidade indígena Aldeia Rio Sacre, situada no município de Campo Novo dos Parecis, interior de Mato Grosso. Nestas práticas pedagógicas mais multifacetadas, a hipótese é que estudantes e professores passem a articular outros ecossistemas comunicativos de formação-aprendizagem, principalmente diante do exercício de uma percepção cultural do cotidiano mais multifacetado e de projetos jornalísticos mais etnomidiáticos (Tupinambá, 2006, Santi, 2016). O que vai incluir como método tanto a adoção de técnicas de apuração jornalística, quanto de observação participante de viés etnográfico. Deste modo, o futuro profissional sabendo analisar a realidade em suas particularidades culturais.

#### PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo; Formação Intercultural; Aldeia Indígena; Etnomídia.

### 1. INTRODUÇÃO: PRÁTICAS DE ENSINO MAIS MULTIFACETADAS NOS CURRÍCULOS DE JORNALISMO

No âmbito dos currículos dos cursos de Bacharelado de Jornalismo, a palavra interculturalidade, muito mais do que a aproximação entre culturas diferentes de trabalho (TRAVANCAS, 1993)<sup>3</sup>, reflete uma condição de interdisciplinaridade entre saberes, modos e métodos de perceber a realidade cotidiana. Podemos ver seu enquadramento no Eixo das disciplinas de Fundamentação Humanística, quando pode ser caracterizada com o objetivo de:

<sup>1</sup> Autora do trabalho, estudante do 7º período do curso de jornalismo da Unemat. E-mail: maria.terezal@unemat.br.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho e Professor-adjunto do curso de Jornalismo da Unemat. Doutor em Comunicação pela PPGCOM/UERJ. E-mail: lawrenberg@unemat.br.

<sup>3</sup> No livro O mundo dos jornalistas, Isabel Travancas apresenta uma pesquisa sobre a identidade profissional do jornalista, em uma perspectiva mais antropológica. Trata-se de um dos trabalhos mais relevantes sobre Antropologia do Jornalismo / Comunicação, na medida que essa pesquisa (mestrado) se desenvolve a partir de entrevistas com 50 profissionais jornalistas da imprensa carioca.

capacitar o jornalista para exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania, privilegiando a realidade brasileira, como formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas; sua geografia humana e economia política; suas raízes étnicas, regiões ecológicas, cultura popular, crenças e tradições; arte, literatura, ciência, tecnologia, bem como os fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, entre eles as relações internacionais, a diversidade cultural, os direitos individuais e coletivos; as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, as oportunidades de esportes, lazer e entretenimento e o acesso aos bens culturais da humanidade, sem se descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana.  
(PPC do Curso de Jornalismo da Unemat, 2020)

A partir desta descrição, podemos vislumbrar uma identidade profissional que apresente uma sensibilidade e/ou consciência social mais aguçada em se tratando das questões de cidadania inter, multicultural e que envolvem um país tão sociodiverso e historicamente desigual como o Brasil. Sobretudo em se tratando do respeito às alteridades/diferenças/singularidades culturais e da proteção etnopolítica aos povos originários, quando trazemos para debate uma radiografia mais densa da natureza mais violenta dos processos de povoamento/colonização do território brasileiro desde o século XV e mais especificamente das lutas contemporâneas dos indígenas brasileiros na defesa de suas terras diante das ameaças das oligarquias ruralistas, representadas pelo avanço radical do agronegócio e pelas atividades mineradoras em áreas e territórios considerados indígenas desde a Constituição Federal de 1988.

Entre as disciplinas que essa formação mais abrangente e crítica se faz mais exigida, vale destacar Antropologia, Filosofia, Sociologia, Psicologia Social, caracterizadas como áreas consolidadas das Ciências Humanas e Sociais e que compõem geralmente o tronco das chamadas disciplinas teóricas dos cursos de Bacharelados – Tronco Comum. Ou seja, disciplinas que pressupõem o acesso de textos e reflexões de antropólogos, filósofos, sociólogos e psicólogos, num movimento de exercício intelectual do futuro profissional jornalista em dimensionar sua práxis para além dos determinismos tecnológicos e reducionismos das relações corporativas do mercado.

Embora muitos pensadores não considerem o Jornalismo como ciência, entre eles, o professor Carlos Chaparro (2003)<sup>4</sup>, sabemos o quanto a sua matriz curricular, do ponto de vista de uma árvore epistemológica, articula condutas, posturas e visões que se assentam em racionalidades/inteligibilidades das mais diversas áreas do conhecimento científico, em especial, nas Grandes Áreas das Ciências Humanas e Sociais e Ciências Sociais Aplicadas. Por exemplo, na teoria da notícia de Robert Park (MACHADO, 2005) o trabalho do jornalista antecede do historiador, numa proposição que depois vai ganhar força nos estudos mais recentes de Historiografia da imprensa e da mídia, conduzidos pela professora Marialva Barboza.

No Projeto Curricular do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), do Câmpus universitário de Tangará da Serra (localizada a 240 km da capital Cuiabá), além dessas disciplinas do Eixo Humanístico, essa formação mais multifacetada é trabalhada de maneira mais profunda na disciplina de **Comunicação e Cultura**, atualmente enquadrada no Eixo de Formação Específica (Eixo II) e ofertada sob essa nomenclatura para a turma do Primeiro Período desde o ano 2020, quando as antigas disciplinas Antropologia e Comunicação e Estudos Culturais e Mídia foram extintas da grade curricular.

Nesta disciplina, o aluno e futuro jornalista assume uma sensibilidade mais próxima de um etnógrafo do acontecimento, ao contemplar não somente diferentes definições de Cultura, mas aprender a se debruçar em cenários comunicacionais onde uma percepção mais densa e relativizada dos acontecimentos do cotidiano se tornam fundamentais para um trabalho jornalístico mais responsável. Mas também nessa mesma disciplina esse aluno passa a estabelecer experiências com outras realidades cotidianas, quando, além de aulas expositivas e debates na sala de aula, há a imersão no cotidiano de moradores de comunidades de resistência como aldeias indígenas.

---

<sup>4</sup> Para o professor Carlos Chaparro, em ensaio intitulado “De como a ciência pode ajudar a notícia”, o jornalismo não pode ser tratado como uma ciência porque careceria incorporar alguns elementos e ferramentas científicas como métodos, técnicas de aferição, contextualização. Ele reconhece a necessidade do Jornalismo incorporar mais essas técnicas, no sentido de elevar a eficácia da apuração jornalística e o trabalho em si do jornalista.

## **2-TEORIA X PRÁTICA EM DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO MAIS MULTIFACETADA**

Da mesma forma que as disciplinas mais multifacetadas exigem o diálogo com autores de outros campos do conhecimento, é preciso destacar que suas atividades práticas vão demandar métodos mais interdisciplinares, senão mais híbridos. Trata-se de metodologias de formação-aprendizagem que incorporam práticas desenvolvidas em outros campos do conhecimento. Afinal, conforme Caldas (1997, p.71), o jornalista precisa realizar os mais distintos tensionamentos da realidade apurada, ao checar dados e aprofundá-los com informações paralelas.

É preciso frisar que muitos desses tensionamentos são derivados do confronto de práticas diferentes de percepção do mundo, quando estudantes e professores são convocados compartilhar saberes com outras comunidades interpretativas, com outros sistemas e repertórios culturais. Trata-se de um exercício de experienciar uma condição de alteridade, num processo conhecido por muitos etnógrafos como “observação participante” (GEERTZ, 1989, LAPLANTINE, 2003), quando o sujeito se torna parte da realidade estudada. O que, em se tratando da experiência de ensino a ser relatada, o que notamos são práticas de formação-aprendizagem que passam a integrar pelas técnicas de imersão participante os modos de aprendizagem do Outro.

No presente relato de experiência, mais do que a descrição da imersão / observação participante de acadêmicos de Jornalismo em comunidades de resistência (aldeias, quilombolas), a atenção são para os quadros de referências de práticas de ensino que são fomentados dessas relações mais interculturais de construção de saberes, na medida que permitem refletir sobre o lugar do curso e do/a acadêmico /a de Jornalismo em determinadas geografias socioculturais. Em se tratando das experiências do curso de Tangará da Serra, localizada na região Médio-Norte de Mato Grosso e a 240 km da capital Cuiabá, o que se nota, em maior frequência, são questões sobre grupos e segmentos sociais da população brasileira historicamente marginalizados (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, LGBTQPNI+) que devem assinalar para lugares e espaços para aulas de campo mais alternativas. Principalmente

quando se discute a relação histórica desses grupos com a cobertura de imprensa e a opinião pública brasileira.

Debater as práticas de ensino nesses termos implica uma compreensão mais orgânica dos dilemas que atravessam esses atores sociais e políticos. Dilemas que demandam reconhecer que a formação em Jornalismo em um estado como Mato Grosso precisa urgentemente incluir no seu currículo determinadas competências e habilidades que habilitem os mais diversos futuros jornalistas a traçarem planejamentos de coberturas jornalísticas em um estado brasileiro de dimensão continental (900 mil km<sup>2</sup>) onde o agronegócio em larga escala, o desmatamento e os focos de queimadas crescem de modo desenfreado, ameaçando a vida nos principais biomas ecológicos (Pantanal, Amazonia e Cerrado).

No relato em específico, a observação desses aspectos convergem para o recorte de um grupo de estudantes de jornalismo em uma comunidade indígena no município de Campo Novo dos Parecis (350 km da capital Cuiabá), durante o sábado de 13 de maio deste ano. Essas práticas e a imersão foram realizadas na Aldeia Rio Sacre, no primeiro semestre de 2024 (maio), assim como parte de uma oficina de Comunicação e Jornalismo Interculturais que foi proposta na disciplina Comunicação e Cultura, do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, ministrada pelo professor Lawrenberg Silva. Na ocasião, um grupo formado por 30 acadêmicos e um professor de Jornalismo desenvolveram uma programação de caráter exploratório-empírico, com intercâmbio de saberes com os moradores locais, registros fotográficos (fotoetnografia), entrevistas (abertas, semiestruturadas) e gravações de vídeo (etnodocumentário). O objetivo foi fomentar um olhar mais profundo diante do cotidiano da comunidade indígena, de modo a pensar pautas e metodologias de cobertura jornalística mais plurais. Principalmente no que tange a relação entre o Jornalismo com a prática de registro perfis em territorialidades indígenas, numa perspectiva mais autoral.

Para isso, essa nossa experiência de ensino apoiou num referencial teórico situado na interface do Jornalismo com a Comunicação Alternativa (Peruzzo, 2005) e Etnomídia indígena (Tupinambá, 2016, Santi e Araújo, 2021). Trata-se de uma

proposta interdisciplinar, trabalhada com um olhar mais autoral de quem se propõe a vivenciar essa experiência em sua inteireza, com ênfase na aproximação entre as práticas metodológicas consolidadas no campo da Comunicação Intercultural (observação participante, fotoetnografia, etnomídia) com as técnicas de apuração de Jornalismo Especializado na área de Cultura. Mas também uma proposta educacional que constitui um esforço nosso em aprofundar os trabalhos de fotoetnografia como ferramenta de intervenção social. Trabalhos identificados com questões que reiteram o papel do Jornalismo no combate às injustiças sociais históricas.

Trata-se de uma perspectiva de atuação jornalística já observada no artigo de Lawrenberg Silva, na revista *Alerê* (PPGEL/Unemat), quando descreve o perfil de jornalista da seguinte maneira:

Em um estado como Mato Grosso, pensar num jornalismo cultural mais sensível implica fazer abordagens das mais variadas manifestações de cultura como um repórter-cartógrafo, imerso não somente simbolicamente, mas em carne e espírito no acontecimento cultural. Vamos aqui supor uma pauta de cobertura de um evento na aldeia Wazare, em Campo Novo do Parecis. Vamos imaginar um evento celebrativo, considerado um dos mais importantes do calendário religioso daquela comunidade. Vamos imaginar a chegada do repórter, orientado geralmente por uma pauta clássica em que predomina uma visão de homem branco das práticas indígenas. Enfim, até aí algo que tem sido muito previsível, quando se nota iniciativa jornalística como essa. Lembrando que geralmente jornalista mato-grossense entra numa aldeia indígena mais para fazer cobertura de caderno Policial ou Economia, haja vista as reportagens sobre a relação de alguns indígenas Parecis com a produção de soja. (SILVA, 2024, p.87)

### **3- (RE)CONHECENDO OUTROS TERRITÓRIOS E OUTRAS TERRITORIEDADES DO ENSINO DE JORNALISMO**

Participar de atividades como a incursão intercultural, que foi proposta pelo professor Lawrenberg Silva, nos impulsionam a movimentar pautas jornalísticas e modos de ver a realidade social que não são muito exploradas ao decorrer do curso de Jornalismo. Fomos para um lugar onde cada árvore têm significado, cada flor, cada gota d'água têm a sua importância. Não que todas as outras não tenham, mas você vive

aquela experiência e passa ter um olhar diferenciado a cada troca de informações estabelecida com um morador da comunidade indígena. Neste processo, território e territorialidade são palavras-chave para o acesso a um universo de vivências que se mostra alternativa diante do mundo cotidiano de orientação capitalista, produtivista e com relações cada vez menos humanizadas. Essas palavras são antídotos às dinâmicas de sociedades preconizadas pela lógica maquínica da fábrica, descrita no filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin como uma estrutura desumanizante e calcada na repetição. São conceitos precípuos para um melhor entendimento da realidade que desvela na imersão, principalmente quando analisamos na perspectiva dos estudos dos pesquisadores Santi e Araújo (2018, p.7),

O território é, portanto, espaço ocupado por uma relação de poder. E, a territorialidade, diz respeito as relações que mantemos com o território, o que dele fazemos e a identidade que impingimos a ele. (Santi e Araújo, 2018, p.7)

Neste sentido, imergir constitui estabelecer conexões com outros territórios, territorialidades e relações sociais (de poder) com o espaço, capazes não somente de apresentar geografias antes desconhecidas, mas modos de conceber mapas, cartografias e representações da realidade social. Em especial, em se tratando da relação das culturas não-indígenas com o mundo cotidiano indígena na contemporaneidade, quando, conforme o depoimento do cacique Ivo Paresi (13/05/2024), apresenta um indígena “empreendedor” e sintonizado com “a sociedade globalizada”.

Há comunidades isoladas, isso é um fato, mas são raras. Assim como o mundo recebeu atualizações após o “boom” da internet e novas tecnologias, os povos indígenas foram adaptando seus costumes e tradições. Muitos já saem das aldeias e estudam em escolas e universidades nas cidades. Voltam para casa com informações que facilitam a vivência naquelas regiões. As mudanças em seus modos de vida refletem as atualizações de uma identidade cultural em consonância com as transformações do mundo globalizado (HALL, 1997), quando suas práticas e diálogos buscam

interlocução com os mais diversos lugares, atores e realidades do mundo contemporâneo.

Trazendo para o lado comunicacional, as experiências identificadas nesta comunidade do Rio Sacre traduzem o espírito de um tempo que o território é ponte para outras territorialidades simbólicas e paisagens comunicativas. Uma vez que o mundo está conectado, o espaço geográfico fica pequeno e a relação de comunidade dá espaço a um endereço eletrônico, onde pessoas afins do mesmo assunto interagem entre si através de um meio de comunicação. A comunicação, neste sentido, passa a ser a nova ponte entre esses territórios e territorialidades, sendo que, no caso dos moradores da comunidade Paresi, uma condição de atualização e forma de sobrevivência no mundo contemporâneo. Como diz Raffestin (apud Santi e Araújo, 2021), “[...] um dos trunfos do poder na contemporaneidade é informacional, e a informática é um dos meios”.

Trata-se de uma leitura social que permite tratar muitos desses moradores como agentes comunicadores e ativistas (etno)midiáticos, quando o acesso e o manuseio de câmeras de celular ligam acadêmicos de Jornalismo e jovens moradores indígenas de uma comunidade localizada a 150 km da cidade. Trata-se de uma percepção que somente foi possível, do ponto de vista metodológico, a partir da adoção das técnicas da observação participante, geralmente adotadas nas pesquisas de campo da etnografia, e da prática da fotoetnografia, um modo de registro que alia saberes etnográficos com fotográficos. Como defende Richardson (2012, p. 97), o “observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante” (Richardson et al. 2012). Já a fotoetnografia se baseia numa releitura da antropologia visual proposta por Massimo Canevacci e depois atualizada nos trabalhos do professor Robinson Achutti (1997), quando a fotografia se torna relato etnográfico.

#### 4- RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ENSINO: APROXIMAÇÕES ENTRE A PRÁTICA JORNALÍSTICA E A (FOTO) ETNOGRÁFICA

Nas práticas de ensino mais interculturais, a fronteira ontológica entre o etnógrafo e o fotógrafo desaparece, da mesma forma que entre o acadêmico de Jornalismo e os mais diversos atores observados numa atividade de incursão. E foi o que aconteceu no sábado do dia 13 de maio de 2024, quando um grupo de acadêmicos de Jornalismo partiu de Tangará da Serra para a comunidade indígena do Rio Sacre, situada no município de Campo Novo dos Parecis. O ponto de embarque foi o Centro Cultural de Tangará da Serra, no horário das 6 horas, quando 35 acadêmicos embarcaram em um ônibus alocado pela universidade, que transportaria o grupo até a aldeia, num trajeto de 150 km e duração de 2 horas e meia.

Após o longo tempo de estrada chegamos, fomos apresentados ao Cacique Ivo Paresi, que nos mostrou o local e contou um pouco de sua história. Nesse processo, o guia da comunidade assume o papel semelhante ao exercido pelo professor: Ser a referência na mediação das relações de saberes. E nessa mediação, ao invés do tradicional espaço da sala de aula, fomos convidados a se sentar numa tenda feita de madeira e telhado de uma espécie de palmeira, a qual parecia bastante comum que também cobriam as *hatis* (que aprendemos erroneamente como oca).



Fig. 1: Cacique Ivo na acolhida aos Estudantes da Unemat  
Fonte: Maria Tereza Cunha

Juntamente com as técnicas de observação participante, é importante destacar a reflexão para o lugar político do observador e fotoetnógrafo, o que, no caso de um de nós, demandou pensar sobre qual a postura como acadêmica negra e carioca no contato com uma comunidade considerada de resistência do interior de Mato Grosso. Trata-se de um exercício de reflexão pedagógica (professor) e profissional (aluna), que somente foi possível a partir da visão de Patrícia Hill Collin e Sirma Blige (2021), pensadoras que nos auxiliaram a dimensionar nossa contribuição como memória social, principalmente quando considerado uma experiência de vida distante da realidade dos povos originários e com recortes de narrativas das mídias hegemônicas.

É importante frisar que essas práticas de ensino jamais tiveram como objetivo colocar a academia como detentora de todo saber e/ou ter o intuito de ter uma abordagem colonizadora. A prática de ensino intercultural, mais multifacetada em si é dialógica, construída a partir de relações simétricas, quando os alunos e os moradores indígenas são protagonistas do processo de formação de experiência. Dito isso, não somente nos preocupamos em registrar corpos, interações e ambientes, mas compartilhar experiências em cada uma das etapas dos registros realizados, por vezes trocando papéis, quando o manuseio de câmeras, o registro fotográfico e a análise das imagens eram divididas entre todos os envolvidos.

Em alguma medida, essa dimensão de experiência aqui relatada se pauta no trabalho desenvolvido pela Faculdade Intercultural Indígena da UNEMAT- FAINDI.

A partir desta metodologia, foi possível compreender como aquela comunidade se mostrava sintonizada com o mundo contemporâneo, sobretudo, quando a boa desenvoltura de alguns moradores com as câmeras de celulares revelou não somente a adaptação de muitas comunidades indígenas com as novas mídias, mas seu uso como fonte de sobrevivência econômica (etnoturismo como turismo comunitário<sup>5</sup>) e de um ativismo etnomidiático (Tupinambá, 2006). Afinal, muitos dos indígenas da localidade acabam utilizando câmeras de celular na divulgação de serviços de etnoturismo nas

---

<sup>5</sup> Conforme Elizabete Nogueira (2013, p. 25), o etnoturismo busca “oferecer ao turista a oportunidade de experimentar como vive uma comunidade numa troca mútua, onde os anfitriões dividem com os visitantes suas histórias, seus costumes e tradições mais profundas, podendo gerar renda e benefícios diretos para melhorar a qualidade de vida dos residentes”.

mídias sociais da internet, por vezes adotando algumas técnicas de marketing digital que também serviam para dar mais visibilidade e alcance social dos problemas enfrentados por aquela comunidade.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Dito tudo isso, salientamos o que deve ser o olhar para a formação de profissionais jornalistas, considerando o quanto são poucas as pautas e a representatividade em si sobre as comunidades de resistência em um estado onde cada vez mais tem prevalecido a figura da modernização agrícola como principal imagem. Práticas educacionais voltadas para a reflexão sob novas perspectivas trazem as mídias, sobretudo hegemônicas, aos novos jornalistas do mercado figuras cada vez mais humanizadas e plurais. Tornando o modelo engessado e arcaico dinâmico.

Uma vez que reflete no desconhecimento da opinião pública sobre os dilemas enfrentados pelos povos originários no mundo globalizado, mas pior: acaba influenciando na formação de profissionais jornalistas cada vez mais alheios ou insensíveis aos problemas dos grupos historicamente marginalizados da população brasileira, o que inclui não somente indígenas, bem como quilombolas, ribeirinhos, ciganos, trabalhadores rurais sem-terra, jovens universitários LGBTQPNI+.

Uma aluna da Unemat, que antes da prática se espantou por ter sinal de *wifi* em uma comunidade aparentemente isolada teve seu olhar mudado, enxergando o fato como parte da evolução “comum” humana do mundo contemporâneo. E o questionamento transformou num “por que os indígenas ficariam de fora?!” Com muita certeza pensar assim é uma construção totalmente eurocentrista e moldada numa bolha hegemônica. E, só a partir de experiências nesses termos, com a fotoetnografia e sensibilidade mais humanística incorporadas nas práticas de ensino, é possível uma compreensão mais profunda das transformações em andamento em muitas comunidades, sobretudo quando tal compreensão envolve valores de mundo menos eurocêntricos e o reconhecimento de um ativismo etnomidiático por parte de muitas aldeias do interior de Mato Grosso e Brasil.



Fig. 2: Foto de despedida dos Estudantes da Unemat depois da aula prática  
Fonte: Aldeia Rio Sacre

## REFERÊNCIAS

- CALDAS, M. das G. Conde. **O papel das assessorias de comunicação na divulgação da ciência: a experiência da Unicamp.** Comunicarte, Campinas, v.15, n.21, p.67-79, 1997.
- CHAPARRO, C. **De como a ciência pode ajudar a notícia.** Revista *PJ: BR*, USP, Ed.02, 2º semestre, 2003.
- COLLINS, P.H. e BILGE, S. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.
- HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo.** Educação & Realidade v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.
- MACHADO, E. **O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa do jornalismo.** *Estudos em Jornalismo e Mídia*, SC. Vol.II – 1º semestre de 2005.
- NOGUEIRA, E. M. **Etnodesenvolvimento e Educação Indígena: problemas e perspectivas para a implantação do etnoturismo na Terra Indígena Raposa Serra do Sol.** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2013.
- PERUZZO, C.M.K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências.** Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n.º 43, pp. 67-84, 1.º semestre, 2005.



RICHARDSON, R. J.- Livro: **Pesquisa social, métodos e técnicas**-São Paulo, editora Atlas 1999.

SANTI, V. J. C. e ARAÚJO, B. C. C. A etnomídia indígena na construção dos territórios etnomidiáticos. In: **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**. Dossiê Mídia e Sociedade: diálogos intermitentes. V.7. n.2. Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso (Unemat): 2020. p.122-142. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rccs.v7i2.5182>. Acesso em 26 nov. 2024.

SILVA, L. A. **Por abordagens menos consensuais: Um exercício cartográfico por outros mapas e possibilidades narrativas no jornalismo cultural de MT**. Revista ALÈRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS-PPGEL - Vol. 29, Nº 01, 2024.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. 3. São Paulo: Summus, 1993

TUPINAMBÁ, R. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários**. Brasil de Fato, Niterói, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 2016. Disponível em: <[Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos | Cultura](#)> Acessado em 26/11/2024.